

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS
**MANIFESTO ANTI-DANTAS
 E POR EXTENSO POR
 JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS
 POETA D'ORPHEU
 FUTURISTA E TUDO**

EDIÇÃO DE SARA AFONSO FERREIRA, ASSÍRIO & ALVIM, 2013

Muito embora não seja «uma cópia perfeita da edição *princeps*», como alerta a apresentação ao volume, esta recente edição do *Manifesto Anti-Dantas* — prefaciada, organizada e anotada por Sara Afonso Ferreira — surge como a primeira dotada de um amplo aparelho crítico, bibliográfico e iconográfico capaz de colocar o leitor perante o contexto em que este memorável texto de Almada Negreiros foi criado e posto à atenção do público. Sendo um manifesto essencialmente cultural e de teor *estético* — mais do que *ideológico* — cultura e arte erguem-se, de facto, como matérias principais da crítica e da «caricatura» dos fenómenos que estão na base da sua construção. Mais do que «matar o luar», como postulava Marinetti, o *Manifesto Anti-Dantas* tem alvos *reconhecíveis* para «espectadores decentes»: uma *geração* (a que precede e combate *Orpheu*), uma *forma* (considerada retrógrada e ultra romântica em pleno século XX) e uma *tendência artística* incapaz de criar (pois «anda co'as modas, co'as políticas e co'as opiniões»). A necessidade que o leitor contemporâneo tem de entender a fundo esse(s) conflito(s), justifica amplamente as duas edições do volume (Maio e Agosto de 2013), quase um século depois do aparecimento do manifesto. A segunda edição, aliás, veio emendar as poucas imperfeições gráficas da primeira, além de ter sido aumentada com a transcrição do texto (ausente na edição precedente), conseguindo suprir, desta forma, as dimensões forçosamente reduzidas do *facsimile*.

A reconstrução da estreia de *Sóror Mariana* no Teatro Ginásio em Lisboa — enriquecida com inúmeras referências a



ANDREA RAGUSA

Departamento de Estudos Portugueses,
 Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
 Universidade Nova de Lisboa



jornais e comentários da época — oferece um quadro quase completo das repercussões que o episódio teve na opinião pública e da tensão entre o cânone representado por Júlio Dantas e os «poetas paranóicos» de *Orpheu*.

Particularmente interessantes, visando uma leitura aprofundada do manifesto, são também as sugestões para o «reconhecimento» da arte e da cultura da época e das suas figuras mais representativas: operação esta, que, como avisa a autora, se torna «por vezes impraticável» um século depois. É o caso, por exemplo, dos «dois ilustres senhores desta terra» (que Almada aponta como autores da tradução das *Lettres Portugaises*), d'«os Sousa Pinto», de «Sousa Costa» ou do «Faustino». Todavia, no que respeita a maioria dos casos, o aparelho crítico consegue recuperar, dentro

do possível, figuras e fenómenos que deixam de ser mudos e obscuros para o leitor actual («As pinoquices do Vasco Mendonça Alves», «As infelicidades de Ramada Curto», «o Frei Matta Nunes Mocho», etc.) para se transformarem em elementos de compreensão e aprofundamento.

O CD inserido no livro, enfim, com a gravação da leitura do manifesto feita pelo próprio Almada em 1965 e seguida por uma entrevista, completa esta notável edição, que reúne num volume os elementos necessários para ler “plo menos duas vezes”: não apenas o texto, mas, através dele e dentro dele, o multifacetado tecido cultural e artístico que subjaz à sua própria criação.
